SALLY THORNE

Autora do best-seller
O jogo do amor "Ódio!"

Rosie e o DEUS GREGO

VISIT…

LANZAROTE Caliente.COM


SALLY THORNE
Autora do best-seller
O jogo do amor "Ódio!"
Rosie
e o
DEUS GREGO

SALLY
THORNE

Rosie e o DEUS GREGO

Tradução
DANDARA MORENA

paralela

Sumário

Capa
Folha de rosto
Sumário
Dedicatória
Rosie e o deus grego

Sobre a autora
Créditos

Pontos de referência

Cover
Página de Título
Sumário

Para minha mãe, Sue, que tem as melhores ideias

Todas as vezes que minha irmã, Bree, e eu estamos sentadas numa sala de espera, preencho o silêncio da mesma maneira. Faço isso desde que éramos adolescentes. Nos encaramos e sei que ela está esperando o de sempre.

Fico feliz em satisfazê-la.

— Talvez eu conheça meu marido hoje.

Para alguém que me ama, Bree faz uma cara de quem me odeia *muito*. Sorrio de volta.

Ela gesticula para a sala.

— Claro, Rosie. Por que não? Ele deve estar aqui em algum lugar.

A sala de espera do Kintsugi Day Spa tem móveis totalmente brancos, velas acesas e revistas. Há vários buquês de rosas vermelhas em vasos e chocolates em formato de coração espalhados pela mesa de centro.

Vou fazê-la rir custe o que custar.

— Apareça, apareça, seja lá onde você esteja! Que romântico conhecê-lo no Dia dos Namorados!

— Fazer um programa de casal num spa caro com sua irmã não é muito romântico.

Tiro o embrulho rosa de um chocolate com a mesma eficiência de um papagaio.

— Quando vejo um bom negócio, aproveito. Com nosso sobrenome igual, será que vão achar que somos casadas? — Coloco o chocolate na sua boca. — E, sim, foi bem caro. Mas você merece.

— Eu realmente mereço — concorda ela com a boca cheia.

— Meu prêmio por ser promovida. — Ela começa a rir, divertida, e sei como vai me zoar em seguida: — Até parece que seríamos um casal. Sou muita areia para o seu caminhãozinho.

— É mesmo. Moça advogada chique. — Eu lhe dou uma cotovelada. — Mas sou um bom partido também, sabe. Trabalhar com comércio ainda não tirou minha vontade de viver, então claramente sou uma pessoa forte.

Uma expressão nova surge em seu rosto.

— Isso deve ter te deixado sem um tostão.

Ela não está errada, mas não vou deixar que insista nisso.

— Quero que você saiba que fiz a reserva antes de você receber a promoção. Eu tinha certeza absoluta de que você conseguiria.

— Você me viu lendo sobre este lugar na revista do voo de volta do Dia de Ação de Graças, né? Preciso parar de te dar ideias... caras. Posso bancar com meu novo salário, mas você é a garotinha das plantas. Vou transferir minha parte.

Faço meu bico teimoso.

— Não. Deixa comigo.

— Obrigada, Rosie. Isso significa muito. Seu futuro marido precisa beijar o chão que você pisa, ok?

Bree entrelaça os dedos nos meus e os aperta.

Aperto de volta.

— Isso pode ser negociado. Só espero que ele esteja disposto a segurar minha mão em todo lugar. Caí dentro de um balde no trabalho na segunda passada.

— Vou segurá-la até ele aparecer, minha desastradazinha fofa. Como ele vai ser? Assim?

Soltamos risinhos abafados diante do retrato em preto e branco das costas de um homem nu pendurado na parede. É espantosamente musculoso e está cheio de gotas d'água brilhantes. Será que é uma alusão aos serviços de depilação à cera do spa?

Bree faz uma pose pensativa como se estivesse em uma galeria de arte, com a mão no queixo. Ela pode passar a maior

parte da semana de terninho, mas continua ridícula como sempre.

— Será que o marido de Rosie vai parecer uma lontra-marinha escorregadia, deslizando pelas ondas?

Minha brincadeira favorita.

— O marido de Rosie vai ser um golfinho com pernas e um focinho enorme por baixo do paletó do smoking.

Seus olhos se enchem de lágrimas.

— Ele vai ser um torso musculoso sem cabeça, flutuando no rio.

— Se tiver essa aparência, eu mesma o pesco da água.

Se algum funcionário do spa aparecer, encontrará as duas com o rosto vermelho e chorando de rir.

Enxugo os olhos.

— Vou conhecê-lo na cama ao lado da minha na casa de repouso. A essa altura, nem vou ligar pra quem é ou pra aparência. Ele já vai ter nos divertido por anos.

— A culpa é da vovó. Foi uma ideia ridícula de colocar no seu cérebro super-romântico.

Cito nossa amada avó, agora falecida:

— Vou reconhecê-lo assim que o vir.

— Tomara que sim. Já faz quase dez anos, e você já o reconheceu cerca de cinquenta mil vezes até agora. Estou muito, muito cansada. Vem logo, marido da Rosie. — Bree se inclina resmungando e pega um folheto. — Qual é mesmo a programação de hoje? Tudo que sei é que vamos entrar na água em algum momento.

A foto causa outra falta de compostura na gente.

Somos salvas por uma elegante mulher de uniforme médico branco.

— Bom dia. Bem-vindas ao Kintsugi Day Spa, e Feliz Dia dos Namorados! — Ela olha para os dois iPads que segura, depois para as nossas mãos dadas, e volta a erguer os olhos com um sorriso animado. — Sra. e sra. Whittaker, sejam muito bem-vindas para curtir este dia romântico conosco.

— Somos irmãs — dissemos juntas e soltando as mãos.

Isso parece desapontá-la, mas ela se recupera.

— Ah! Me desculpem! Bem, é Dia das Garotas, então. Vão aproveitar um dia fantástico de alegria, e o pacote que compraram vai levá-las por uma incrível jornada. Meu nome é Dionne, e sou a gerente. Minha equipe está pronta para mimá-las.

— Não consigo nem lembrar o que vamos fazer — diz Bree enquanto recebemos iPads para preencher o formulário de informações de novos clientes. A gestão do lugar é opulenta, porque também há um porta-canetas no balcão. — Espero que tenha massagem. Meus ombros parecem que estão destruídos.

— Vamos dar um jeito nisso — garante Dionne. — Vou passar o roteiro de vocês.

Já tenho problemas o suficiente. Estou sendo recrutada para o exército da beleza?

— Minha dieta de vitamina e suplementos? Minha porcentagem de retinol? Qual é a data da minha última menstruação? — Pisco para Dionne. — O que é o tipo de pele Fitzpatrick?

— Só responda o que você sabe — aconselha Dionne de um jeito gentil que, por algum motivo, também me magoa. Pego meu cardigã e descubro que falta um botão.

Escrevo N/A ou coloco um ponto de interrogação em quase tudo. Minha irmã perfeita e organizada consegue registrar seu nível de autocuidado adulto, e seu blazer rosa de *tweed* tem um botão central. Estou começando a me sentir como uma criança de cinco anos, acompanhada da mamãe elegante.

— São oito tratamentos. — Dionne os conta nos dedos depois que completamos nosso check-in. — Sauna de infravermelho. Banho Vichy. Tanque de flutuação. Máscara corporal de lama. Nossa famosa massagem de pedras e óleo quente. Uma oxigenoterapia facial, luzes LED e, por fim, manicure e pedicure. Vocês serão pessoas diferentes quando saírem daqui.

— Tomara — respondo, e as duas me olham.

Dionne deve estar pensando que seus funcionários não fazem milagres. Preciso de um corte de cabelo, e meu esmalte parece um grafite num muro. É impossível ficar com a unha feita quando se trabalha numa loja de plantas. Imagina se tirarem terra das minhas unhas! Guardo a piada para contar a Bree, embora me pergunte: *Será que posso sair daqui diferente? Vou ser uma mulher elegante e revigorada — mais parecida com a minha irmã?*

Somos levadas à parte interior do spa, e luto contra a profunda e repentina certeza de que estou parecendo maltrapilha. Mas gastei muita grana e tenho todo o direito de estar aqui. Enfim, quem liga para mim? Tudo isso é para a Bree.

Nossa primeira parada é a sauna de infravermelho. Dionne se vira para nós com um pensamento estampado na cara.

— Este pacote foi elaborado para ser uma experiência romântica, então houve algumas pressuposições da nossa parte. Esta sauna é para duas pessoas. Se importam de compartilhar?

Respondemos juntas:

— Tudo bem.

Depois de sermos apresentadas aos controles, ficamos sozinhas, sem roupa e de costas uma para a outra.

— Já estou de biquíni — diz Bree para mim. — Achei melhor já ficar assim por causa da coisa do banho e do tanque de flutuação.

Não é preciso dizer que ela está fantástica.

— Eu não trouxe nada.

— Rosie, a peladona! Rosie, a peladona!

Tenho que usar uma toalha do tamanho de um tapete de banheiro que não fecha no quadril. Mereço a indignidade da nudez por ser tão desorganizada. Passamos todos os trinta e cinco minutos da sauna rindo, suando e enchendo o saco uma da outra.

Saímos e iniciamos o próximo passo desse elegante caminho cheio de obstáculos.

É algo que chamam de banho Vichy. Invejo a praticidade estratégica da Bree com o biquíni. Explico para os funcionários que não somos um casal e recebo uma roupa íntima descartável que parece uma máscara cirúrgica. Eu a seguro com um dedo e mostro para minha irmã, e ela fica vermelha e chora de rir.

Deitamos de barriga para baixo numa maca, e ela se torna um lava-jato, bem *rápido*. Enquanto sou atingida por jatos de água implacáveis, primeiro quentes, depois frios, imploro a mim mesma para curtir esta dor cara. Se Bree amar este dia, e ele se tornar uma lembrança de nós duas juntas, já valera a pena.

Quando acaba, estou sem um brinco. Uma funcionária me diz que, provavelmente, se perdeu para sempre.

— Uma oferenda aos deuses de Vichy — comenta Bree, com o rosto bonito simpático. — Vou comprar um par novo pra você.

— Sempre acontece comigo... — resmungo.

— Alguma de vocês já esteve num tanque de flutuação? — pergunta Dionne enquanto estamos de pé, pingando, nos roupões. Bree parece uma supermodelo dos anos 1990 com o cabelo úmido penteado para trás. Eu estou na minha fase lontra-marinha. Sacudimos a cabeça, e ela nos leva para uma sala com duas “conchas” abertas enormes. — Estão novinhas em folha. Instalaram rapidamente ontem à noite pra que ficassem prontas pro Dia dos Namorados. São totalmente top de linha. Vieram lá do Japão. Você serão as primeiras clientes a usá-las. Nem eu tive a chance.

— Água boa e limpa então — declara Bree, satisfeita.

— Parecem vasos sanitários grandes — comento, espantada, e as duas fingem não me ouvir.

Dionne está com um iPad diferente agora.

— Tudo é controlado pelo aplicativo, então vamos ajustar suas configurações primeiro. Na próxima vez que vierem, tudo isso será baixado automaticamente.

Escolho as configurações básicas, porque nunca vou poder bancar um retorno. Bree escolhe uma sequência de pôr do sol e nascer do sol, com estrelas cintilantes e sons oceânicos. Dionne

fica muito impressionada com o conceito.

Vejo como todo mundo olha para Bree. Quando digo que minha irmã é o pacote completo, estou falando sério. Aparência, cabeça, carreira, humor, bom gosto. Nossos pais dizem que ela é a filha com a qual nunca se preocuparam. Ela nunca caiu dentro de um balde. Todos os meus quase maridos soltos por aí olharam para mim e, depois, para ela. Eu também olharia.

Pego o saquinho com os tampões de ouvido de Dionne.

— Eles funcionam pra pensamentos intrusivos?

Sempre posso contar com a risada da minha irmã.

— Não dá pra ficar presa aí dentro, dá? — pergunta Bree, seus olhos brilhantes fitando os meus, e consigo disfarçar meu estômago se revirando com uma habilidade digna de um Oscar. Já estive num lugar apertado, no escuro, uma vez. É uma lembrança da qual me esquivo com uma graça incomum sempre que ela surge.

Dionne leva a pergunta a sério.

— Deixa eu tranquilizar vocês: esses aparelhos são perfeitamente seguros. Se tiverem algum motivo para querer sair, há uma alavanca manual no interior. Vocês preferem deixar aberto alguns centímetros? — Seu dedo paira sobre o iPad. — Se tiverem claustrofobia, está tudo bem. Também podem recusar o tratamento, e ofereceremos um chá para vocês.

Mas minha irmã me fita com um meio sorriso desafiador.

— Está com medo?

— Estou bem.

Eu gostaria de deixar a tampa toda bem aberta, mas sou Rosie, a peladona. Com a sorte que tenho, um limpador de janelas apareceria na hora.

— Que hilário! Muito obrigada por fazer isso comigo. Melhor dia da vida! — exclama Bree depois que ficamos sozinhas e ela afunda na água. Conforme suas pálpebras vão abaixando, ela grita: — Tchau pra sempre.

— Tchau pra sempre — eu digo com menos convicção, e, quando ela se tranca, entro nua e fecho os olhos também. Não

parece exatamente o porta-malas de um carro se fechando, mas meio que é.

Estou num breu absoluto. Não escolhi uma música. Por que não escolhi uma sequência de nascer do sol também? A água é o líquido mais macio, lodoso, leitoso e salgado que se pode imaginar. Tento ficar confortável, mas não há nada que eu possa fazer para me ajustar. Ficar me retorcendo para lá e para cá apenas causa respingos e ondas que me sacodem até o outro lado do tanque. Bato a cabeça.

— Ai!

Odeio isso com todas as minhas forças.

— Tenta se divertir! — ordeno a mim mesma, e meu tom severo ressoa. É um crime desperdiçar esta experiência valiosa e incomum. Tento de novo: — Isso é relaxante e divertido.

Não se parece em nada com *a outra vez*, aquela que não contei nem para a Bree. Meu coração pulsa desconfortavelmente nos meus ouvidos, apenas um pouco entorpecidos pelos tampões. Coloco as mãos na água quente.

Estou segura. Não sou uma piada!

E, como não tenho outra opção, fecho os olhos e me forço a ficar inconsciente.

Me levanto num solavanco e espalho a água em todo canto depois de ouvir as batidas acima de mim. Ouço Bree cantarolar, abafado:

— Rosie, acorda!

— Estou acordada.

Estou bem revoltada para alguém que estava dormindo. Passo as mãos ao meu redor, tampa, laterais, base. A escuridão aqui é surreal. Parece que não tenho mais olhos.

— Não foi incrível? Tive uma epifania. Pensei num projeto que posso apresentar amanhã na reunião de equipe.

Abro a boca, e a Rosie de oito anos de idade mente.

— Tive uma epifania também.

— Claro que teve, dorminhoca. Vem, sai. Estou com seu

roupão aqui. Vamos fingir que somos porquinhas na lama de um chiqueiro. Depois tem a massagem.

— Aperta o treco pra mim. — Espero alguns segundos e tateio a parede. — Bree, aperta o treco. Estou no escuro.

— Não acho o treco. Ah, Dionne está aqui! O temporizador de Rosie não acabou ainda. Ela também não está usando nada, então desvie o olhar.

Dionne responde com um alegre humor profissional.

— Sem problemas. — Pausa. — Vou liberar a tampa agora.

— Graças a Deus! — exclamo no escuro. — Por favor, diz que está com meu roupão pronto.

Nada acontece.

— Só um momento — tranquiliza Dionne. Minha irmã ri.

— O que é tão engraçado? — A mágoa me dá um nó na garganta. Preciso sair desse treco, porque está ficando mais difícil me esquivar das lembranças ruins. Elas estão formando um buraco grande e preto diante de mim, e vou cair nele se não tomar cuidado. — Haha, Bree! Me deixa sair.

— É que... Rosie...

Dionne repete com mais firmeza:

— Só um momento. Estou reiniciando o aplicativo. A tecnologia... Não deixa você doida às vezes?

— Deixa. Especialmente quando minha irmã está presa numa grande privada branca.

— Presa? — Tateio tudo do lado esquerdo. — Vou usar a alavanca manual, ok?

Acho que não me ouvem. Não consigo achar nada que pareça uma alavanca. Tento do outro lado, caso tenha esquecido o que é direita e esquerda. Tento o teto. Apalpo perto dos pés. Não tem nada que se possa puxar. Há dois corrimãos, os quais puxo forte, mas nada acontece. Meus tampões caem. Minha respiração acelera. Não tem espaço para ficar sentada. Minhas pernas se agitam.

— Hã... Não gosto mais daqui.

— Estou baixando o aplicativo de novo — avisa Dionne, e

não a ouço mais por dois minutos.

— Está tudo bem, Rosie — afirma Bree, mas seu tom está diferente agora. — Só fica deitada, fecha os olhos e conta até cem. Em voz alta, para eu ouvir.

Obedeço e conto. Depois, ela diz para eu contar até duzentos. Ouço vozes de outros funcionários. Dionne grita:

— Não sei que porra de *firmware* é, né, Gina? É novinho em folha!

— Vou jogar o código de erro que aparece aqui no Google — fala Bree com uma competência de tribunal, perto do meu pé. — Ah, japonês! Vou tentar no tradutor. *Hummm*. Não foi uma boa tradução. O que será "correia de nível básico"? O que é correia? Ou *washlet*? É uma palavra de verdade? Ah, não sei. Continua contando, Rosie. Quero ouvir você contando.

Conto até quinhentos. Seiscentos. Setecentos. E então dou uma pausa para dar um bom grito suplicante.

— Por favor. Por favor. *Por favoooooor*.

— Estamos tentando — promete Bree. — É só uma coisinha boba, Rosie. Vai ser consertado em um segundo. Calma...

A tampa do tanque está pingando água salgada no meu rosto, e ela desce como lágrimas ardendo nas minhas bochechas. Todo mundo do lado de fora começou a sussurrar de um jeito melindrado. Ou estão rindo?

Bree segura o celular na lateral do tanque para eu ouvir um podcast sobre crimes. Uma voz monótona narra: *Era início de fevereiro, e ainda havia neve no chão de Salem, Massachusetts. Gabrielle Dillinger ajeitou o cachecol contra o frio cortante e começou a caminhada de dez minutos até o trabalho numa concessionária.* Escuto por tanto tempo que ouço o caso do tribunal inteiro, inclusive a sentença.

Durante os créditos finais, somos interrompidos por um homem entrando na sala.

— O que é essa coisa? — Ele parece encantado. — Parece uma privada grande!

— Faz eco? — pergunta Bree. Consigo imaginar sua expressão zombeteira.

— É um tanque de flutuação. — Dionne soa como se seu penteado perfeito tivesse sido arruinado. — É pra relaxar. Estamos felizes por estarem aqui.

— Amo quando as pessoas dizem isso pra mim. Ei! — Alguém bate na tampa. — Está relaxada aí?

Cubro os seios e as partes íntimas com os braços.

— Estou bem. Por acaso você trouxe um abridor de latas?

Ele gargalha.

— Ah, temos uma pessoa espirituosa aqui!

Fico completamente eletrizada, apesar da situação, e sorrio de volta para ele, no breu.

Outro, mais velho, diz:

— Bem, Romeu, faz sua mágica. Vou até ao caminhão ver o que podemos usar.

— Eu vou — oferece o primeiro cara. — Quero ter a chance de botar as mãos no equipamento novo.

— Você sabe qual é o seu trabalho, bonitão.

Surge um barulho de botas pisando o chão.

— Ei, Pequena Sereia! — A voz do homem soa como se ele estivesse mais perto agora. Quem sabe ajoelhado ao meu lado. Talvez seu colega o tenha magoado. — Somos bombeiros. Vamos tirar você daí em breve.

Dionne fala:

— Devo reiterar que o spa não compactua com nenhum dano ao tanque. Não foi listado no nosso seguro ainda, e não autorizei a garantia. Estava na minha lista de tarefas para depois do Dia dos Namorados.

Ela parece completamente arrasada.

— Administrar um estabelecimento é um saco — concorda o bombeiro. — Mas não muda o fato de que precisamos tirá-la daqui.

— Estava aguardando na linha do serviço de atendimento ao cliente, mas o expediente em Tóquio já acabou.

A voz ao meu lado rebate, com um tom mais duro.

— Sim, sim, lembre-se do acordo. Vinte minutos e vamos

usar as "garras da vida". Alguma sugestão, Pequena Sereia? Consegue puxar a alavanca manual?

— Não tem nada pra puxar.

Ele explica, com a voz mais fraca, do outro lado da sala.

— Bem, esse daqui tem uma alavanca. Deve estar aqui. — Ele volta e bate na lateral, à esquerda. — Olha! Está aqui.

— Tô sentindo um painel quadrado liso com a mão.

— Parece que não colocaram. Calma! Está escuro aí? — A compreensão da situação trouxe uma empatia aveludada ao tom de voz dele. — Você está sendo bem corajosa, querida.

Com uma voz de bebê, pergunto:

— Minha irmã ainda está aqui?

— Estou aqui — responde Bree, mas a voz dela está diferente. Está empolgada. Está tão radiante quanto o botão perdido do meu cardigã, na verdade. Os bombeiros fazem isso com as mulheres. — Vou fazer meu próximo tratamento. Os funcionários querem minimizar o alvoroço.

— Haha! Bem engraçado. — Espero ela rir. Silêncio. — Tá falando sério?

— Rosie, me escuta. — Ela está do outro lado do tanque, falando perto da borda. — Quero que confie em mim. Vai dar tudo certo. Confia em mim. Confia em mim. CONFIA EM MIM.

— Tá bom. Você está certa. Não queremos estragar o dia das duas. Divirta-se.

O esforço de que precisei para soar tão otimista me deixa afundando na água, completamente submersa, só com o nariz para fora.

Este seria o momento em que o bombeiro engraçado a persuadiria a ficar. Mas, incrivelmente, ele diz:

— Sai daqui, traidora. Estou com ela.

— Te vejo mais tarde, Rosie — despede-se Bree, soando como se já estivesse quase saindo da sala.

— Ela já foi?

— Sua irmã sem coração saiu, srta. Rosie Sereia. Somos eu e você agora. Frank é só a "vela".

— Me tira dessa coisa! Eu imploro.

Sua gargalhada estrondosa e incontida é uma boa dose de dopamina.

— Somos amigos de uma sereia? Meu Deus, Frank, a pessoa que está nessa banheirona de água chique está acabando comigo!

Frank responde:

— Você deveria estar fazendo sua mágica, Romeu, não dizendo coisas como "banheirona". Pelo amor de Deus, rapaz, você é o nosso relações públicas! Eiiita, olha essas dobradiças! A moça do spa vai ter que aceitar o inevitável. — Em seguida, ele diz algo baixinho, e acho que consigo entender: — As coisas com que as pessoas gastam dinheiro...

Se ele soubesse quanto algumas pessoas pagam por uma planta como a figueira-lira, desmaiaria.

— Ela contou que esse treco custa oitenta e cinco mil dólares — diz o cara engraçado, acho que o nome é Romeu, com espanto. — Ouviu isso, Rosie Sereia? Você está numa coisa muito cara. É uma mulher sortuda.

— Muito abençoada. — Tenho um novo passatempo agora: fazê-lo rir. — Na verdade, estou numa espreguiçadeira nas Maldivas.

— Está? — Dá para perceber seu sorriso grande na voz. — Podia jurar que estava dormindo num sofá no Palácio de Buckingham. Sim — confirma ele para alguém. — Ela está bem. Pequena Rosie Sereia corajosa.

Estou emocionada por ele ter assumido o papel de cuidar de mim.

— Bem, é um prazer conhecê-lo também, Romeu.

— Não. Esse imbecil me chama de Romeu só pra me irritar. Me chamo Leo.

Frank lança com a voz alta:

— A gente chama ele de Romeu porque ele é um "deus grego".

— É, vai se lascar, Frank, seu velho que passou do prazo da validade! Mas ele está certo, Rosie. Sou um deus. Imagine na sua

mente o quanto sou um deus grego.

Tudo que consigo imaginar é o retrato do torso sem cabeça da sala de espera.

— Estou em privação de sentidos agora. Meus ouvidos estão cheios de água. Você é só uma voz.

— Uma voz *bonita*. — A risada de Leo tem cor. Tem todas as cores, na verdade. Parece um arco-íris e se derrete, preenchendo meu mundo escuro como bolhas de sabão cristalinas. Ele alerta Frank: — A moça do spa não quer você perturbando os clientes. Vai verificar se ela conseguiu falar com o suporte.

Há um silêncio, e então Leo pergunta:

— Como está indo aí, Rosie?

— Estou com um problema que deveria te contar, se minha irmã já não contou.

— Manda.

— Hã... — Ponho as mãos na bochecha. Estão quentes. — Estou tipo, meio que...

— Simmm...

— Estou nua. Então, quando abrirmos essa coisa...

— Vou vendar todo mundo, inclusive eu, e vamos pegar uma toalha pra você.

— Não acredito que ela me deixou aqui.

Mesmo com três centímetros de aço japonês na minha frente, qualquer um poderia ouvir a desolação na minha voz.

— Você a deixou escapar muito fácil. Mas não precisamos dela. Somos eu e você. Não vou a lugar nenhum até você sair. Prometo. Só estou feliz que você não estava prestes a me contar que precisava ir ao banheiro.

— Espera um pouco. Acho que essa coisa não dá descarga.

Ele está sorrindo de novo, eu sei.

— Gosto de você, Rosie Sereia. Metade das pessoas que resgato num dia parece estar nua. Por que todo mundo fica pelado o tempo todo?

— Somos selvagens.

— Selvagens! Estou desperdiçando a vida andando

totalmente vestido?

O que possivelmente é uma gota de suor escorre da minha sobrancelha.

— Depende. Esse uniforme é bem legal. É o que você está usando agora?

— Ah, ela está querendo paquerar! O que estou usando? — Ele gargalha e gargalha, batendo a palma na tampa acima de mim, como se não estivesse se aguentando. Gotas de condensação caem em mim. — Estou usando um uniforme de "bombeiro stripper" bem justo, de couro.

Relembro seu tom momentaneamente reprimido quando seu colega o pôs na linha.

— Objetifiquei você. Desculpa.

Ele responde, afetuosamente.

— Não objetificou. Todo mundo faz isso. É o fardo que carrego. Então, por que está nessa coisa, afinal? Precisava dar uma relaxada supercara?

— Minha irmã foi promovida, então paguei este dia de mimos pra ela. Só que é a minha cara acontecer uma coisa dessas comigo.

— Ahhh! Estou falando com uma desastrada? — Ele parece perceber meu humor. — Sou um controlador profissional de desastres, então não esquenta. Isso nem é a coisa mais estranha que vi esta semana.

— Sério? Estou com tanta vergonha...

— O spa é que precisa ter vergonha. Não é sua culpa.

Sua autoridade absoluta realmente faz com que eu me sinta melhor. Mas não consigo deixar de soltar um suspiro.

— É que é típico. Já perdi um botão e um brinco. Tem dois tanques, mas Bree não entrou neste. Ela é a irmã inteligente e bem-sucedida, afinal. A gente devia ter se esforçado mais pra ela ficar. — Fico em silêncio e, quando ele não responde, meu coração acelera no peito. — Você ainda está aí?

— Ainda estou aqui. Frank mandou mensagem; disse que estão falando com o dono do lugar pelo telefone. — Uma

notificação ressoa distante, seguida por um assobio impressionado. — Terremoto numa padaria? Não estava na minha lista de afazeres. Meu grupo de mensagens manda um presente atrás do outro.

— Já mandou uma foto deste tanque de flutuação?

— Diga xis!

— Haha! Por favor, continua me distraindo. — Estico as mãos e toco a tampa, e ela solta um banho de gotas salgadas pelando no meu rosto. — Afff, o sal é cruel! Você sabe se ainda vai demorar muito?

— Não vai demorar nadinha — mente ele, alegre.

Eu me lembro das palavras de Frank.

— Seu trabalho é usar sua mágica e nos manter, os pobres pelados, calmos. Ele disse que você é o relações públicas.

— É meu superpoder. Com minha lábia, consigo vender até picolé pra esquimó! Pergunta à minha mãe, ela vai te contar. — Ele fica em silêncio, e então diz: — Relações públicas... Tenho um mau pressentimento de que significa Romeu Perfeito. Quando eu surtar e estrangular todos eles, quero você como minha testemunha. Conta a todos eles o quanto eu estava perto de perder a cabeça.

— Somos dois. Alguma novidade?

Minha voz engrossa de nervosismo.

— Vou ver. — Ele tem uma conversa no telefone que soa assim: "Uhum. Uhum. Uhum. Uhum. Tchau". E desliga. — Bem, o *Frank* disse que a *Dionne* disse que o *dono do spa* disse que vai processar o Corpo de Bombeiros se a gente deixar sequer um arranhão na porra desse troço. Mas alguém da empresa da "concha que fala inglês" vai ligar de volta a qualquer momento.

Penso no jeito que Dionne me olhou de cima a baixo na sala de espera. Não valho tanto quanto esta coisa.

— Parece que não se preocupam com um processo meu.

— Estão esperando que você seja uma fofinha que não arrume confusão. Mas arranja um advogado, querida. Serei sua testemunha. Podemos ir para as Maldivas quando tudo acabar.

— Como nos tornamos testemunhas um do outro tão rápido?

Sua voz está cheia de divertimento.

— Não faço a menor ideia. Talvez a gente possa representar um ao outro também.

— Não precisa. Minha irmã é advogada. Ela está solteira, falando nisso.

Não tem outra palavra para isso: ele *zomba*.

— Está tentando me juntar com ela? Porque vi sua personalidade verdadeira. Nada poderia me tirar de perto de você, Rosie Sereia.

— Você é pago pra fazer isso — lembro a ele, rindo. — E fico feliz por meu programa de casal do Dia dos Namorados não ser um total desperdício.

— Ahhhh. É Dia dos Namorados? Tudo faz sentido agora.

— O que faz?

— Uma mulher me deu uma rosa vermelha e o número dela na rua hoje de manhã. Os caras me zoaram muito.

Fico surpresa e sinto um raio quente de emoção. Franzo a testa.

— Com certeza deve ter sido maravilhoso pra você.

— Ah, peraí! Foi um sinal! Rosie... Rosa! A mulher perfeita para meu resgate de meio-dia.

Distraída pela imagem, murmuro:

— Não sou a mulher perfeita de ninguém, tô falando sério. Só me deixa aqui. É melhor.

— Tem espaço pra mim aí? — Ouço alguém deslizar algo. Ele está se apoiando no tanque para ficar confortável. — Os horrores da vida amorosa, hein? Mesmo para um bombeiro deus grego, é impossível. Aquele aplicativo, Hinge? Uma zona. Por que minha conta fica sendo denunciada?

— Se você for tão bonito quanto o Frank disse, devem achar que você é um robô.

Ele gargalha até não poder mais.

— Achei que usar aplicativos mostraria minha personalidade

primeiro. Mas, em vez disso, descubro que sou só um robô.

— Você é minha alucinação do tanque de flutuação.

— Tudo faz sentido agora. É por isso que não consigo liderar nenhum resgaste. Não sou real. Ou talvez só precise de férias.

— Nossa viagem pras Maldivas está chegando.

— Não vejo a hora. Então me fala de você. — Ouço um barulho baixo que parece um grunhido. Parece que ele está se alongando. — Talvez a gente esteja inventando agorinha um novo tipo de encontro às cegas.

— Então a mulher precisa estar imobilizada e com privação de sentidos pra funcionar?

— Parece o paraíso. Vou passar um turno aí. Acho que realmente limita as primeiras impressões, de certa forma.

Penso a respeito.

— Não muito. Você tem uma voz bonita e é hilário.

— Eu estava pensando o mesmo de você. — Frank deve ter voltado à sala porque Leo emenda: — Qual é a novidade? Vamos abrir logo? Tenho que levar esta mulher pras Maldivas.

— Se controle, Romeu. Como está indo aí, Rosie?

— Estou bem. Mas estou ficando com sede. E temo o momento em que vou precisar fazer xixi. Mas Leo diz que estou sendo muito corajosa.

Por que eu diria isso como uma criancinha? Porque sei como Leo irá responder, exatamente do jeito que responde agora, caloroso, afetuoso e meigo.

— Ela é a sereiazinha mais guerreira deste canto da cidade.

Sua gentileza generosa faz meus olhos se encherem de inesperadas lágrimas, que escorrem para essa maldita água salgada em que estou armazenada. Quantas inúmeras pessoas ele fez se sentir bem desse jeito? Como se não fossem apenas um objeto a ser extraído?

— Você é o melhor, Leo — declaro.

Ele, com certeza, está radiante e triunfante agora.

— Ouviu isso, Frank?

— Sim, sim. Não infle o ego dele mais do que já está inflado.

Cansei disso. Podem nos processar. Vou ligar para o chefe, conseguir a aprovação.

— Se ele disser sim, vou tentar primeiro — oferece Leo.

— Não, filho. Continue sentado aí, mantenha-a calma… — A voz de Frank se esvai da sala.

— Eles não deixam você fazer seu trabalho — acuso.

— É minha culpa. É difícil me levar a sério.

Estou paquerando um estagiário adolescente?

— Quantos anos você tem?

— Ah, bom, vamos continuar o encontro às cegas. Vinte e sete. Você?

Dou um suspiro de alívio.

— Vinte e cinco. Qual sua planta favorita?

Ele parece pensar.

— Plástico empoeirado. E a sua?

— Nunca vou admitir, sem ser num confinamento involuntário.

— Estou me aproximando… Meu ouvido está perto… Simplesmente preciso saber…

— Amo lírios-da-paz.

— Não acredito que você admitiu isso. Rosie, pelo *amor*. Minha percepção de você mudou.

— Sério?

Ah… É por isso que ele tem sido tão sedutor e simpático? Se ele já viu Bree, vai ficar decepcionado com a substituta dela. Vou sair deste tanque numa toalha parecendo a garota do filme *O chamado*. Já sei que ele vai gargalhar quando isso acontecer.

Tenho quase certeza de que ele tem um sorriso lindo.

Leo interrompe o pensamento.

— Não tenho ideia do que sejam lírios-da-paz, mas vou jogar no Google. Beleza! O que tem de tão constrangedor nisso?

— O lírio é a planta ornamental mais sem graça do mundo, só que gosto do jeito que é dramático. Se passar por um, ele vai estar todo caído. Você pode pensar que está praticamente morto. Que, com certeza, foi atropelado por um caminhão. E aí você o

afunda numa pia por uma hora e, do nada, ele se ergue, dizendo *Estou bem*, *estou bem*, *vou viver.* Até a próxima vez que ficar quase morto de novo. Os lírios são os equivalentes, no mundo das plantas, das moças vitorianas que desmaiavam.

— Seu tanque se iluminou como se fosse uma lâmpada, então chuto que plantas sejam sua paixão.

— É onde eu trabalho. Numa loja de plantas. Nada tão nobre quanto ser um socorrista. Ou uma advogada. Ou qualquer outra "carreira de verdade" que meus pais sonharam pra mim.

— Ei, temos em comum manter as coisas vivas. Devo ter sido um lírio-da-paz na vida passada.

— Por quê?

— Como minha mãe diria: "Tenho meus humores". Em alguns dias, realmente preciso ficar afundado numa pia por um tempo.

Não acredito que ele está fazendo essa piada.

— É muito superestimado.

O metal conduz sua risada eletrizante através da água, por minha pele e meus ossos. Aquelas cores surgem de novo: rodopiando e escorrendo, brilhantes no escuro.

— Amo a sua risada — digo a ele antes que possa me censurar. — Ela tem uma cor.

— Que cor?

— Cor de arco-íris em tons pastel.

— A privação de sentidos bateu mesmo, hein? — Mais para si mesmo, ele acrescenta: — Ninguém nunca elogiou minha risada. Cor de arco-íris em tons pastel... Como é aí dentro?

— Posso reclamar?

— Permissão completamente dada. É por isso que estou sentado aqui. Desabafa comigo.

— A água daqui é tão lodosa que sinto como se estivesse dentro da barriga de uma lesma.

Ele se engasga.

— NOSSA SENHORA!

— O sal faz meus lábios arderem. Por favor, não bata na

tampa de novo porque isso gotejar nos meus olhos. Minha bexiga está dando sinais, e o termo que assinei dizia que, se eu urinasse nessa coisa, a taxa de limpeza do tanque custaria mil dólares.

— Um pouquinho antes de abrirmos, se alivie nesse troço como se fosse uma lula liberando tinta. — Com certeza, ele está com o punho cerrado, porque usou uma voz de viking. — Barriga de lesma? Rosie, sua mente... Caramba, sua mente...

— Minha mente? Sua mente!

Começo a rir.

— Eu não tinha consciência de que tinha uma mente até mais ou menos um minuto atrás. O que mais? Alguma outra queixa? Não precisa ser sobre o tanque.

— Meus pais, e todas as minhas almas gêmeas em potencial, olham para minha irmã, e não para mim. Mas, tudo bem, ela é o pacote completo. Meu estômago está roncando feito um doido. É basicamente isso. Todas as minhas queixas banais foram oficialmente expostas.

— Registrei todas elas. Aguenta firme. Vão te tirar daí.

— Posso fazer um pedido especial? — Acho que ele assente. — Quero que você me tire. Não eles.

— Esquece, querida. Praticamente nada naquele caminhão tem minhas digitais. — Ele suspira e diz, todo melancólico. — Hum, nossa! Estou ficando abatido. Minha mãe sempre fala, supersarcástica: "O que os outros vão pensar desse menino bonito triste?".

— Você só precisa de amor e carinho. Pra sua sorte, sou especialista em lírios-da-paz. Aqui. — Ergo uma das mãos e ruidosamente pingo um pouquinho de água, imaginando folhas verdes. — Melhor?

— Muito.

— Se os seus colegas não o menosprezassem constantemente, você se sentiria melhor? É mesmo um trabalho difícil?

Ele parece precisar de alguns momentos para pensar, então chapinho a água com as pernas.

— Suporto bem o trabalho, acho. Adoro os caras, as rotas, nunca ter dois dias iguais, os esquisitos pelados com os quais converso sobre as situações estranhas deles...

Sorrio e toco o lado do tanque onde ele está sentado.

— Isso inclui a atual companhia?

— Claro. Meu trabalho me dá bastante propósito. É só que, nas folgas, com os dias vazios se acumulando, não sei o que fazer comigo mesmo. Fico acabado depois de um dia. Escolhi esse emprego pra ser útil. É um bordão da minha família: "Seja útil". Mas nem isso eu consigo fazer.

— Você está sendo mais útil pra mim do que qualquer um da sua equipe.

— Quero praticar um pouco do meu treinamento, mas nunca tenho uma oportunidade. — Uma longa pausa se segue, e então: — Acho que acabamos de descobrir por que tenho me sentido um bosta nos últimos tempos. Quanto te devo pela sessão de terapia? Posso passar o cartão de crédito aqui pela abertura.

Percebo vulnerabilidade na sua piada.

— O que você faz para se manter ocupado fora do trabalho?

— Faço academia. Arrumo meu uniforme de stripper. Vou na casa da minha mãe e abro um pote de picles pra ela. Como todos enquanto dou uma surtada. Escuto que preciso ser útil.

— Você gosta de picles? Você me amaria agorinha.

— Isso me deu água na boca, Rosie Sereia — diz ele, todo sensual e brincalhão, e agora preciso enfrentar o pensamento que tem flutuado à minha volta.

Esse cara é muito gostoso.

E então me lembro de uma questão que realmente preciso reiterar:

— Não sou linda como a minha irmã.

— Ela é? — Leo não parece muito interessado. — Tudo de que lembro é que ela abandonou minha pobre Rosie.

Esse cara é tão fofo!

— Bem, em comparação a ela, parece que demorei a

desabrochar.

— Parece que isso acontece com algumas rosas também.

Esse cara é tão inteligente! E ele está de uniforme de bombeiro!

Ele é o pacote completo.

Assim como minha irmã.

Leo rumina:

— Não consigo acreditar mesmo que me deram uma rosa.

Fico irritada de novo por causa dessa mulher desconhecida, aproveitando a chance dela, provavelmente agorinha olhando o celular para ver se ele mandou mensagem. Aqui no escuro, num mundo sem visão, toque ou claridade, não consigo ignorar essa emoção nova de pura raiva. Quero pegar essa rosa dele e arrancar tudo. Quero destruir esse bonito gesto sedutor com minhas sapatilhas de nove dólares.

— O que foi? — pergunta ele. Será que consegue perceber minhas emoções? Vou ser honesta. Não me importo.

— Só estou irracionalmente com ciúmes da mulher da rosa-vermelha.

— Ah! Ela não é nada em comparação a você.

— Ela te deu a rosa sem nem saber que você é engraçado e bobo. Essa é, com certeza, a pior parte.

Ele parece maravilhado.

— Você me ama por causa da minha brilhante personalidade? Mesmo que eu seja só a inteligência artificial da concha?

— É a única explicação pra você ser sedutor pra cacete. — Não consigo ver um palmo à minha frente, mas o imagino neste momento, rindo para o teto, se espreguiçando de prazer. — Talvez você precise de um hobby. Um animal de estimação.

— Minha mãe diz que uma esposa seria a melhor solução. Elas não nascem em árvores.

É estranho que isso dê um frio na minha barriga. Ignoro.

— Começa devagar. Eu poderia te recomendar uma planta para ambientes internos.

Surge um grunhido.

— Lá vem a tentativa de venda. Você mora numa selva, presumo?

— Tenho uma cama de dossel e trepadeiras crescendo por cima dela.

— Certo, parece incrível. Pode recomendar alguma loja de plantas ornamentais com funcionários engraçados?

Meu coração acelera no peito.

— Vou tentar pensar em alguma.

— Você está presa numa poça no Dia dos Namorados. Não é um dia tumultuado para uma loja de plantas?

— A maioria das pessoas compra na floricultura, mas temos mesmo um dia agitado hoje. Meu chefe não se importou de eu tirar folga. Ninguém no mundo sabe onde estou além da Bree. Será que ela já está na semifinal das Olimpíadas de Mimos?

— Ela está na minha listinha... — avisa Leo, sombrio.

— Estou feliz por ela ter saído. Você estaria falando com ela em vez de comigo.

Ela estaria sentada em frente a ele, com o cabelo úmido ondulado de forma atraente, e seus adoráveis dentes certinhos e os cílios longos naturais. Nunca vou encontrar meu suposto marido com ela por perto. Sei o quanto isso deve parecer desleal.

— Ela estaria me provocando sem parar. É mais engraçada do que eu.

— Acho que eu não deixaria que ela te provocasse.

Ele parece... monótono? Não, calma. Está sendo protetor.

Estou perdendo o contato com o mundo além de sua voz. Como era a vida com luz, som e o peso do meu próprio corpo? Será que um dia vou ficar seca de novo? E por que meu coração está igual a um filhote de passarinho gritando no peito?

Raspo os dedos enrugados na lateral do tanque.

— Estou um pouco triste por perder os outros tratamentos. Eles iam pintar minhas unhas com uma cor bonita.

— Querida, eles te devem muito por isso. Você vai ganhar manicure de graça pra sempre, se depender de mim.

— Você sempre consegue o que quer?

— De agora em diante, sim. Cara, estou muito impressionado com a maneira como você está lidando com isso. Você é forte.

A frase ecoa pela minha memória até que a decifro.

— Ei, eu disse isso para Bree na sala de espera umas nove horas da manhã. Que sou forte.

— Fico contente por você saber.

— Já precisei de resgastes muitas vezes. Onde você estava?

— Fui muito relaxado — concorda ele. Nunca ouvi a voz de um homem tão calorosa e simpática quanto a dele. — Qual foi a outra vez em que eu deveria ter resgatado você?

A lembrança surge na minha cabeça. Aquela ruim.

— Ahhh... — Eu me alongo, tocando os dedos do pé numa ponta e os dedos da mão na outra ponta. Preciso sentir *alguma coisa*. Vasculho a memória toda em busca de outro exemplo, mas nada aparece.

Ele soa frustrado de brincadeira.

— Não pode apenas dizer *ahhhh*, toda intrigante, e daí ficar em silêncio. É pior do que isso?

— Teve uma vez, no primeiro ano de faculdade. Você teria sido muito útil na época.

Ele nota a mudança na minha voz e, com um tom mas sério, pergunta:

— O que aconteceu?

— Fiquei presa no porta-malas de um carro.

Leo fica espantado.

— Como é que conseguiu isso?

— Alguém me colocou lá.

Nunca quis apagar tanto uma frase na minha vida. Rezo para ele estar distraído. Por favor, esteja no telefone. Não tenho sorte.

— Quem fez isso com você?

— Um grupo de caras meio que fazia bullying comigo. A todo lugar que eu ia, eu os via. No pé de toda escada que precisava descer. No estacionamento. O líder não me suportava.

— Por quê? — Leo diz, num tom de lamento. — Desculpa.

Não pode ter sido nada que você tenha feito.

— Não sei por quê. Ele era um babaca. Sabia onde eu estava o tempo todo, e meio que... estava lá. Só parado, bloqueando meu caminho, rindo de mim. A segurança do campus não podia fazer nada com pessoas paradas. Não consigo explicar, mas não conseguia passar por eles, e minha ansiedade disparava. Se eu estivesse na mesma aula que o líder, ele ficava me encarando, sem piscar, como se me quisesse morta.

— Posso saber o nome completo e a data de nascimento dele? — pergunta ele, docemente. — Número de identidade também, se possível? Preciso cometer um homicídio, por favor.

— Tudo chegou ao auge numa tarde quando eu estava procurando algo no porta-malas do meu carro. Bem à luz do dia. Do nada, senti uma pancada na parte de trás do meu joelho, e caí de cara. Colocaram minhas pernas pra dentro, fecharam o porta-malas, sentaram em cima e ficaram rindo e fumando. Meu celular estava no banco do carona. Eu... não penso nisso há muito tempo.

— Esse não deve ser o melhor momento pra reviver isso. Não estou fazendo meu trabalho muito bem, estou?

Sacudo a cabeça. Estou determinada a resolver isso agora, mesmo que meu batimento cardíaco esteja aumentando.

— Será que era coisa de fraternidade? Por que eu era uma piada tão engraçada? Do ponto de vista de um cara... Por quê?

— O cenário mais provável é que ele queria sua atenção, ou seu medo, e foi atrás disso como um brutamontes psicopata. — Leo parece muito preocupado. — Ei! Estou ouvindo você respirar rápido demais aí.

— Não consigo evitar. Isso é muito parecido.

O metal suave acima de mim, que não cedia, não importava o quanto eu empurrasse...

— Mas sou eu aqui fora. Não eles. E não vou deixar nada ruim acontecer. Respira.

E, bem assim, dou uma respirada e me deito imóvel de novo. E me pego sentindo que preciso terminar a história.

— Meio que larguei a faculdade depois disso. Não consegui lidar com o estresse e fiquei com muita vergonha de contar aos meus pais.

— Esses caras estavam piorando. Os predadores sempre pioram. Você se retirou de lá. E foi bem esperta.

— O líder é um *trader* de Wall Street atualmente, e eu trabalho numa loja de plantas ornamentais. Plantas são... seguras. — Tento esfregar o rosto, mas o sal é insuportável. — Não contei nem pra Bree essa história. Ela faria um monte de perguntas.

— Ela vai descobrir logo, porque vou parar no corredor da morte por matar esse cara. — Leo parece ter se aproximado ainda mais do tanque. — Vou repetir. Está me ouvindo? Você está sendo muito, muito corajosa agora, e acontece que você sempre foi corajosa.

— Claro. Eu devia ter registrado tudo. Devia ter feito um boletim de ocorrência, pedido uma medida protetiva...

Ele parece dominante agora.

— Para! Você fez o melhor que podia, como agora. Não deixou que isso te arruinasse. Continuou engraçada, esperta e gentil. Você sobreviveu. Muitas pessoas não sobrevivem. Tô falando sério.

Imagino a pressão que esse emprego exerce sobre ele. E, ainda assim, Leo entra em todo lugar com um sorriso. Sei isso sobre ele.

O toque de seu celular ecoa “Disco inferno”.

— Frank? Uhum. Uhum. Uhum. Porra, cara, estou quase arrancando a tampa desse negócio como se fosse uma lata de sardinha. Ela não pode ficar lá por muito mais tempo. Isso. Traga, então, e, se me chamar de Romeu de novo, vou enfiar isso na sua bunda. Te amo, tchau!

E ouço o bipe fraco de uma ligação sendo encerrada.

— Vamos começar. Aquela moça, Dionne, vai causar uma baita confusão. E, depois, vai nos assistir destruir oitenta e cinco mil dólares. Agora, quero que se prepare. Vai ser barulhento. Vai ter a voz de um monte de homem em cima de você. Mas você

não está num porta-malas. Está aqui, comigo, e vou te tirar do jeito que queria ter tirado na época.

— Eu sei. Obrigada por me fazer perceber que sou uma sobrevivente.

— Muito bem, Rosie.

Também estou orgulhosa de mim.

— Acho que isso tudo foi uma grande aventura, não é?

— Pense na incrível história que vai precisar contar um dia. — Ele para por um instante. — A última vez que disse isso a uma mulher foi uma velhota que, sabe-se lá como, prendeu o pé descalço na tampa do esgoto. Ela me disse que ia fazer uma reclamação ao comissário-chefe dos Bombeiros sobre minha grosseria e sobre minha incapacidade de ficar sério numa situação como aquela.

— Se essa pessoa existe, já pode ser um problema pra você.

Uma risada eletrizante. Um arco-íris. Me deu um quentinho no coração.

Ouço botas se aproximando e o som da voz de Dionne.

— Ei, Leo! — digo. — Ninguém nunca pode dizer que você é sério, mas você é profissional. Conseguiu manter minha cabeça longe do fato de que estou afogada viva na água. Você arrasou. E é mais do que um rostinho bonito.

— Você sempre sabe o que dizer. — Aparentando estar imensamente alegre, ele deve ter se levantado, porque, quando fala a seguir, sua voz está bem mais acima. É voz do bombeiro agora: — Já se passou tempo demais, então não quero saber.

— Não, tem razão — responde Dionne, com o pesado tom de derrota. — Está bem aí, Rosie? Conseguiu relaxar um pouquinho? Os benefícios desse tanque vão permanecer com você por dias. É maravilhoso pras dores crônicas...

Leo a corta.

— Vou precisar pedir que pare de amenizar isso.

— Desculpa, Rosie. Já agradeço antecipadamente sua paciência e sua compreensão. Parece que, se não há nenhuma alavanca no interior, deve...

— Não tem alavanca — interrompe Leo. — Ela teria encontrado a essa altura. Admita que está com defeito.

— Consegui falar com o distribuidor americano, e vão mandar um técnico pra olhar o que aconteceu aqui.

— Aconteceu que é uma porcaria. Lá vêm eles — responde Leo, educado, e então o caos que ele previu começa. — Lembre-se do que eu disse, Rosie.

Outros homens estão se amontoando agora, mais do que apenas Leo e Frank, e falam todos de uma vez.

— Eu só...

— Se segurar...

— Nisso...

— Não, o menor...

— Não me diga como fazer meu...

— Bem, faça direito!

— Cala a boca, antes que eu...

O tanque começa a se mexer, todos riem, e eu solto um choramingo.

— Estou aqui, Rosie Sereia.

— Pega o triturador.

— Moça, diz aos seus funcionários que isso não é um show...

— Carlie disse que, se eu esquecer as flores de Dia dos Namorados, estou...

— Vou comprar flores pra Carlie todo dia. Não esquenta...

— Do que essa porra é feita? Chumbo puro? Não consigo...

— Tenho que parabenizar os japoneses. Eles realmente sabem...

Leo, apenas Leo:

— Respira, Rosie. Continua respirando por mim.

— Ela não está ficando sem ar, está? Porra...

O barulho para.

Leo rosna de volta:

— Se ela estivesse, eu teria mencionado isso a essa altura, não acham? Ela deve estar assustada pra caramba. Só estamos decidindo o melhor modo, Rosie, tá bom? O que pedi que não

esquecesse?

Alguém interrompe antes que eu possa responder.

— Que você é um deus grego?

A sala explode em gargalhadas.

— Romeu! Romeu! Onde estás, Romeu?

— Chega! — ruge Leo. — É isso! Agora surtei mesmo! Rosie é minha testemunha. Me dá aquela alavanca pequena. Eu mesmo vou tirar.

— É melhor usar esses bíceps pra alguma coisa — reforça um cara mais velho. Há uma pausa, e presumo que ele tenha recebido um olhar feroz. — Desculpa, filho. A gente estava só brincando.

Consigo sentir a sensação de Leo fisicamente destruindo o tanque. A água está derramando. Quanto esse tanque pesa? Comigo e a água? Nesse ritmo, vai virar e me fazer deslizar nua pelo chão até as botas deles.

— Não abre muito rápido! — grito no escuro.

Minha mente gira em um caleidoscópio de bíceps, arco-íris, deuses gregos e alavancas.

— Estou bem aqui — garante ele de novo e, na primeira abertura, a luz perfura meus olhos como um fio branco.

Cubro os seios.

— Agora estamos progredindo — grita Leo, um pouco mais alto do que antes. — O lacre está quebrado, acho. Ah, ah, ah, vou tirar a sereia dessa porra, juro por...

A luz fica um tiquinho mais ofuscantemente dolorosa.

— Tira ela, Romeu. — Os caras continuam: — Romeu! Romeu!

— Parem de me chamar assim! A porra do meu nome é Leo... — Outra rachadura interrompe a série de insultos, piadas e esforços ofegantes. — Meu turno tecnicamente acabou, então não tenho que aguentar nenhuma merda de vocês. Depois que eu tirar essa menina, vou tomar uma cerveja, comer uma pizza inteira e ignorar todas as porcarias melosas de Dia dos Namorados porque, contra todas as possibilidades, estou solteiro,

apesar de um ser um deus grego de ouro maciço e...

Mais uma rachadura.

— Peguem uma garrafa d'água e um canudo pra ela. Enfie ali. O quê? Não tem canudo? Foda-se o meio ambiente! — Leo pronuncia isso com um berro. Ele está quase esgotado. — Estou quase lá, tô sentindo.

— Não se machuca! — pede Frank, preocupado. — Vamos tentar as garras de novo. Você fez um bom trabalho. Não, Don. Deixa o menino fazer. Ele mereceu. E você aí, Rosie. Muito bem, menina. Estamos quase lá. Mais um barulho grande e você sai.

— Ela não está usando nada — conta Leo com um grunhido protetor.

— Vamos garantir que...

— Vamos enfiar uma toalha...

— Tudo bem, Leo, relaxa...

As garras da vida terminam o que Leo não consegue. Duas garras são forçadas para dentro, e a luz começa a entrar, mais rápido do que água. Abriram-se uns trinta centímetros agora. Estou sendo submersa em uma luz branca e agonizante, protejo os olhos e me pressiono na parede do tanque.

Ouço a voz horrorizada de Bree.

— Meu Deus, Rosie!

— Para! — diz Leo, com aquela voz de bombeiro. — Deixa a irmã entrar. Pega o roupão. Aqui.

Tem um tecido sobre mim agora, e ele está ensopando naquela lama salgada venenosa. Não tenho força nos músculos. O relaxamento que Dionne prometeu me levou totalmente para a direção oposta.

Sinto a mão familiar e macia no meu rosto.

— Bree! Leo me tirou.

Ela murmura de preocupação, passando um dedo nos meus olhos fechados.

— Bem, quase. Esses caras enchendo a sala deveriam todos sair. Muito obrigada. Bom trabalho, todo mundo. — Ouço som de equipamentos de metal e passos de bota. Frank se despede de

mim. Bree puxa meu cabelo para trás e espreme água dele. Não consigo abrir os olhos.

— Ainda está aqui? — pergunto à sala. Enfio os braços no roupão.

— Ainda estou aqui — responde Leo. — De costas e olhos fechados. Mas não vou embora até você sair.

Bree diz a ele:

— Tá bom, ela está apresentável. Pode me ajudar a levantá-la?

A nova mão que envolve meu antebraço é grande e quente. Bree está animada enquanto me tiram dali. — Apesar de tudo, você não parece um rato afogado.

Ela coloca uma toalha na minha cabeça. Pressiono nos meus olhos.

— Você está mentindo.

— Traga ela aqui pro chuveiro — pede Dionne. — Estamos com as roupas aqui, e coloquei garrafas d'água lá. Lava tudo com xampu e condicionador. Gostaria de continuar com sua massagem de pedras e óleos quentes?

— Não, obrigada. Estou completamente marinada.

— Lava os olhos — aconselha Leo. — Vou trazer um paramédico aqui em um instante apenas para dar uma olhada em você. Te encontro depois disso. E, ei, ela tem razão! — Sua voz cai um oitavo. — Você não parece um rato afogado.

O cheiro do corpo dele me atinge como um redemoinho inebriante.

— Charmoso, né? — Bree gargalha, e acho que meu estômago ainda está lá no tanque de flutuação, chacoalhando, ondulando com a correnteza. — Vem, vou ajeitar você.

Faço um xixi infinito, depois tomo banho, ensaboando e lavando tudo. Minhas roupas secas parecem artefatos antigos. Quando saio do chuveiro, entro no elegante vestiário, tiro a toalha do cabelo e consigo abrir os olhos.

— Que horas são?

Bree verifica.

— Já passou bastante do almoço. Está com fome?

Consigo ver agora que minha irmã parece ter sido toda muito bem cuidada também. Sua pele está brilhando, as mãos com unhas vermelhas, e o cansaço se foi.

— Você está linda. Teve um dia melhor do que o meu.

— Sei que está brava comigo. Mas posso explicar tudo em um instante. — Ela abre a porta e diz para o lado de fora: — Estou secando o cabelo dela. Vai demorar um pouco. Ela está encharcada.

Leo responde:

— Claro, terminei o expediente. Posso esperar.

— Os minerais do tanque deixaram você realmente radiante — declara Bree, encorajadora, e, mesmo que pareça pura bobagem, o espelho do vestiário revela a verdade enquanto ela fica atrás de mim, secando meu cabelo em ondas frisadas e atraentes.

Realmente estou... adorável.

— Como é possível eu estar tão bonita agora? — Pela primeira vez, enquanto me comparo com ela, não me vejo como uma versão mais bagunçada da minha irmã. Somos diferentes, só isso. E tudo bem. Talvez eu esteja desabrochando agora. Ponho a mão na orelha. — Ah, droga! Perdi o outro brinco.

— Nunca muda, por favor — responde Bree. — Apenas vou colocar um tiquinho aqui, e aqui... — Ela está com a bolsa de maquiagem aberta e coloca um pouco de cor em mim como numa tela — Confia em mim. Confia em mim.

— Você fica repetindo isso. Preciso agradecer ao Leo.

— Ele está bem ali, esperando. — Ela me dá um olhar inquisitivo — Você, com certeza, deve estar doida imaginando como ele é. Como o torso da sala de espera — emenda, sussurrando.

Ergo o olhar para Bree.

— Aquele cara salvou minha sanidade hoje. Ele é fantástico.

— Tô ouvindo vocês — avisa Leo do outro lado da parede. — Mas continua dizendo o quanto fui fantástico.

— Ele foi tão gentil... — falo mais alto para seu deleite. — E é engraçado. Tem um ótimo sorriso, eu simplesmente sei. E, ah, Bree, a risada dele! Nossa senhora! Nunca ouvi uma risada arco-íris em tons pastel assim, e ele ri a toda hora, porque é um cavalheiro meigo e bobo.

Ele ri e ri do lado de fora da sala, e vejo meu sorriso no espelho.

— E vendi um lírio-da-paz pra ele.

— O que mais? — Bree segura meu rosto com as mãos. Sussurrando, ela repete: — Confia em mim. Confia em mim.

— Por que fica repetindo isso? — Apoio minhas bochechas em suas mãos feitas. — Te amo, Bree. Obrigada por me abandonar, para eu poder contar meus segredos mais profundos àquele deus grego bobo.

— Caras que falam assim de si mesmos geralmente são horríveis. Acho que não deu uma boa olhada nele. Talvez queira se preparar. Ajustar suas expectativas.

— Ei! — exclama Leo, magoado. — Perdoei você por ter saído.

— Provocar você é muito divertido. Está pronta, Rosie, a peladona? — Ela me levanta. — Pronta de verdade?

Assinto.

— Vou dar um abraço de urso nele.

— Estou superpronto também — acrescenta Leo do outro lado da porta. — Solta a fera.

A porta se abre.

A luz perfura meus olhos no reflexo de arco-íris. Não o vejo de primeira — bem, não exatamente. Não sua forma física. Ainda estou vivenciando a visão dele que tenho na minha cabeça: o grande sorriso branco, as mudanças fluidas e transformadoras de seu corpo enquanto ri e brinca e a mão grande que senti em mim.

Antes de a imagem chegar ao meu cérebro, encaixa-se em um padrão apropriado. Fico satisfeita.

Tudo é exatamente certo nele.

— Esqueci de fazer xixi no tanque por você — digo, e os contornos da sala começam a ficar claros. Há uma parede rosa, uma vela de sal e um homem. Ele é alto, bronzeado, tem bíceps grandes, é bobo e, com uma risada encantadora já na garganta, abre os braços.

— Rosie Sereia!

— Leo Fulano! — Corro, e ele me pega. Ele me abraça toda, com os braços em volta de mim. Meus braços estão em seu pescoço. — Você me tirou de lá!

— Tirei! E adivinha? O prefeito ligou, e eles vão me tornar o rei dos bombeiros!

— Parabéns! Nunca duvidei de você. — Estou rindo igual a uma doida. Estou com um algodão limpo na bochecha. — Você tem um cheiro melhor do que uma vela de spa. E o uniforme fica incrível em você!

O abraço é tudo de eu que precisava: seco, firme, e há tantos pontos de contato que consigo ouvir mais do que meu batimento cardíaco. Consigo ouvir sua risada através do "muro estofado" do seu peito. Rimos muito. Meus pés não estão mais no chão.

— Que triunfo! — grita ele, me balançando de um lado para o outro. — O triunfo é meu.

— E meu!

— Tá bom, esquisitos — chama Bree da porta atrás de nós. — Se acalmem. Tem gente tentando ser enlameada e massageada aqui.

— Agora, vamos dar uma boa olhada em você. — Leo me coloca no chão e me avalia com um suspense crescente. Seus olhos azuis brilham como a safira do anel de noivado da minha avó. Uma ruga aparece na sua testa beijável. — Caramba! Você é uma deusa grega, Rosie Sereia. Por que não me avisou?

— Devo ter ficado marinando em alguma sopa milagrosa. Você também não estava mentindo. Esse foi o maior pote de picles que já abriu?

Ele sorri radiante para mim. Seu rosto combina com seu humor — com sua inteligência, sua gentileza, sua sagacidade —

e sinto uma energia mágica passando entre nós. Um sentimento estranho está se alojando no meu peito. É como se a alavanca pela qual estava procurado estivesse ali, e está sendo puxada. A tampa liberou alguma coisa.

— Sei que você ouve isso o tempo todo, mas, Leo, você é um deus grego e meio!

— Eu nunca mentiria sobre isso. — Ele põe o polegar sob meu queixo e ergue meu rosto para uma inspeção maior. — Bem, é isso. Tem mais potes pra eu abrir? Gosto de me manter útil.

— Muitos potes.

Dionne se aproxima.

— Queremos oferecer nossas sinceras desculpas a você, Rosie, pela interrupção do serviço hoje.

— Está tudo bem. Não foi sua culpa.

Leo murmura:

— Gentil Rosie, doce Rosie. Você vai processá-los.

— Uhum… — murmura em concordância minha irmã advogada.

Dionne continua:

— Como gesto de boa-fé, o spa gostaria de lhe oferecer um vale-presente…

Faço uma careta.

— Desculpa, mas não vou voltar aqui.

— Um vale-presente de viagem. — Ela o entrega a mim. Encaro o valor impresso nele. Sei o quanto vale meu tempo por hora. O Kintsugi Day Spa lamenta mesmo.

— Tudo vai ficar bem. Desculpas aceitas.

Bree interrompe:

— Ao aceitar este gesto de boa-fé, Rosie não renuncia ao seu direito de buscar compensação por qualquer perda econômica nas circunstâncias resultantes de lesão contínua, física ou psicológica.

Dou de ombros para Leo quando Dionne se afasta para discutir isso com ela.

— Eu falei. Bree é o pacote completo.

Seus olhos adoráveis não se desviam do meu, nem por um minuto.

— Deve ser tarde demais para fechar um bom negócio de Dia dos Namorados pras Maldivas. Quem sabe ano que vem, hein? — Leo ajeita meu cabelo com os dedos. — Você almoçou enquanto estava trancada dentro daquele pesadelo que chamam de tanque de flutuação?

— Fiz um sanduíche lá, mas posso comer novamente. — Chamo a atenção de Bree. — Vamos comer uma pizza inteira cada um. Você vem?

— Não. Sei quando deixar vocês dois sozinhos. — Ela está segurando minha bolsa e meu cachecol com uma expressão visivelmente mal-humorada. — Divirtam-se. Eu estava torcendo pra estar aqui quando você notasse.

— Por quê? Notasse o quê?

Ponho o cachecol, e então vejo.

Porque ela me disse para *confiar nela*, *confiar nela*, *confiar nela*.

Costurado no uniforme, está o sobrenome dele. Leio em voz alta, com espanto.

— Marido. Leo Marido? Seu sobrenome é mesmo Marido?

Ele fica adoravelmente tímido.

— Por favor, não me zoe por isso. Os caras me chamando de Romeu já é ruim o suficiente. Se um dia eu me casar, vou pegar o nome da minha esposa.

— Whittaker — oferece Bree.

— Leo Whittaker, isso soa bem. — Ele gesticula para um paramédico com um kit de primeiros socorros. — Pode reavivar o coração dessa garota pra mim? Causei um baita choque nela. E, hã, ela ficou mergulhada num tanque de flutuação por quase três horas, então é melhor verificar a pressão também.

Conforme o paramédico começa a mexer no kit, me pego sem palavras espirituosas.

Por sorte, posso contar com minha irmã.

— Sr. Marido — diz Bree a ele com suprema satisfação—,

você não sabe há quanto tempo estamos esperando você aparecer!

SALLY THORNE é a autora de *O jogo do amor "Ódio!"*, best-seller *do USA Today*. Seu romance de estreia foi vendido para mais de vinte e cinco países e também transformado em filme. *O jogo do amor "Ódio!"* apareceu na lista dos vinte melhores romances de 2016 do *Washington Post* e ficou no top 10 na categoria romance do Goodreads Choice Awards. Suas publicações seguintes foram *99% meu*, *Segundas primeiras impressões* e *Angelika Frankenstein em busca do par ideal*. Sally mora com o marido em Canberra, na Austrália, numa casa cheia de brinquedos vintage, muitas almofadas e uma casa de boneca assombrada.

Copyright © 2024 by Sally Thorne
Todos os direitos reservados.
Publicado mediante acordo com Amazon Original Stories.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Rosie and the Dreamboat
CAPA Caroline Teagle Johnson
IMAGEM DE CAPA © Evgenia Vasileva, © Kwangmoozaa / Shutterstock
PREPARAÇÃO BR75 / Aline Canejo
REVISÃO BR75 / Clarisse Cintra
VERSÃO DIGITAL BR75 / Raquel Soares
ISBN 978-85-8439-4050

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
editoraparalela.com.br
atendimentoaoleitor@editoraparalela.com.br
facebook.com/editoraparalela
instagram.com/editoraparalela
twitter.com/editoraparalela